

ESCOLHAS E SIGNIFICADOS: O QUE PERMEIA A TRAJETÓRIA DO MÉDICO PROFESSOR?

CHOICES AND MEANINGS: WHAT PERMITS THE TRAJECTORY OF THE PHYSICIAN TEACHER?

Recebido em: 20/06/2024

Reenviado em: 20/12/2024

Aceito em: 02/01/2025

Publicado em: 22/05/2025

Daniele Freitas Bica Madalozzo¹ 

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Luci dos Santos Bernardi² 

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Resumo: A formação pedagógica do profissional de medicina e professor no ensino superior vem assumindo espaço relevante em âmbito acadêmico. Conhecer a trajetória dos médicos professores colocou-se como elemento substancial desta pesquisa qualitativa, que teve por objetivo investigar elementos mobilizadores da carreira docente e discutir acerca do significado dessa profissão, a partir de relatos sobre trajetórias acadêmica e ocupacional de profissionais com formação em medicina que ingressaram como docentes na Educação Superior. O estudo de caso incluiu entrevistas semiestruturadas com dez professores médicos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Os dados coletados foram analisados por meio da Análise Textual Discursiva (ATD) e neste artigo apresentamos as categorias "Escolhas" e "Significados". A pesquisa mostrou que a carreira docente é uma escolha importante e significativa para os professores de medicina que encontram realização e satisfação em compartilhar conhecimentos e ajudar na formação de bons futuros médicos, tema de interesse mundial.

Palavras-chave: Professores; Médicos; Ensino Superior, Educação Médica.

Abstract: The pedagogical training of medical professionals and teachers in higher education has taken on a relevant space in the academic sphere. Knowing the trajectory of medical professors was a substantial element of this qualitative research, which aimed to investigate elements that mobilize the teaching career and discuss the meaning of this profession, based on reports on the academic and occupational trajectories of professionals with a degree in medicine who entered as teachers in Higher Education. The case study included semi-structured interviews with ten medical professors from the School of Medicine of the Federal University of Rio Grande (FURG). The data collected were analyzed through Discursive Textual Analysis (DTA) and in this article we present the categories "Choices" and "Meanings". The research showed that a teaching career is an important and meaningful choice for medical teachers who find fulfillment and satisfaction in sharing knowledge and helping to train good future doctors, a topic of global interest.

Keyword: Teachers; Doctors; Higher Education; Medical Education.

¹ Mestre em Educação (PPGE/URI/FW). Professora do Curso de Medicina da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/Erechim). E-mail: danielebica@hotmail.com

² Doutora em Educação Científica e Tecnológica e Mestre em Educação (PPGECT/UFSC). Professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI/FW). E-mail: lucisantosbernardi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado “Médico Professor e Profissionalidade: buscando marcas constituintes nas trajetórias” (Madalozzo, 2022), trabalho iniciado em um momento particularmente importante na saúde do Brasil e mundial: a pandemia pela doença COVID-19, que iniciou em março de 2020, após ter sido identificado o vírus SARS-CoV-2 em casos de Pneumonia na cidade de Wuhan, na China. Rapidamente as ocorrências espalharam-se por todo o mundo e já dizimou mais de 6,8 milhões de pessoas até hoje. O triste contexto provocou inúmeras reflexões acerca da profissão médico, entre elas o pensar sobre o processo formativo desses profissionais, em especial, dos professores-formadores.

Os médicos formadores de médicos, ou seja, os professores, constituem uma categoria instituída formalmente com a criação da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), em 1808, a primeira do país³. Professores pelo ato de ensinar às outras pessoas, mas sem conhecimentos pedagógicos ou a formação em alguma licenciatura, o que traria mais aporte e embasamento para tal função. Compreendemos, então, que é importante observar com cuidado e atenção esses profissionais, os formadores, pois fazem parte da educação dos futuros médicos do Brasil, peças-chave do Sistema de Saúde (Sistema Único de Saúde, Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990).

Nóvoa (2017) faz uma analogia entre formação médica e formação de professores, pois ambas são profissões do humano e que na Medicina se encontra uma das melhores análises sobre o sentido da formação para uma profissão. Afirma que é imprescindível construir modelos que valorizem preparação, entrada e desenvolvimento profissional docente e faz o questionamento: como é que uma pessoa aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professor? Nóvoa (2017).

Nosso estudo nasce em inquietudes inspiradas no autor e nos questionamos: como é que um médico aprende a ser, a sentir, a agir, a conhecer e a intervir como professor?

Ao pensarmos na formação do médico professor, queremos colocar tal potencialidade de atuação em tela, pensando a sua prática profissional e os desafios que ela demanda. Afinal, parafraseando Paulo Freire (1991), ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às quatro horas da tarde; ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. Assim, inquietamos compreender os aspectos de atuação do médico professor em função do que requer o trabalho educativo no Ensino Superior.

³ Disponível em: <https://fmb.ufba.br/institucional/historico>. Acesso em 19 dez. 24.

O médico torna-se professor ao fazer algum contrato com Instituições ou passar em concurso, mas não porque sua preparação tenha sido para tal função. Segundo Benedito (1995, *apud* Pimenta; Anastasiou, 2014, p. 104), o professor universitário aprende a sê-lo mediante um processo de socialização em parte intuitiva, autodidata ou seguindo a rotina dos “outros”. “Assim, sua passagem para a docência ocorre ‘naturalmente’; dormem profissionais e pesquisadores e acordam professores!”

Diante desse contexto, o estudo aqui apresentado teve como objetivo conhecer elementos mobilizadores da carreira docente na Educação Superior e discutir acerca do significado dessa profissão docente, a partir de relatos sobre trajetórias acadêmica e ocupacional de profissionais com formação em Medicina que ingressaram como docentes na Educação Superior.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi ancorada nos seguintes pressupostos: intenção de aprofundar a compreensão do fenômeno com uma análise rigorosa e criteriosa de entrevistas ou observações, e sem a proposta de testar hipóteses ou comprová-las (Moraes, 2003).

O procedimento técnico utilizado foi o de Estudo de Caso. Para Gil (2002), consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, diferentemente de outros delineamentos considerados. O autor considera alguns propósitos do estudo, dentre os quais destacamos, para esta análise, “[...] explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos” (Gil, 2002, p. 54), que se adequa à nossa proposta de investigação. A investigação foi realizada com professores da Universidade Federal de Rio Grande – FURG.

A Faculdade de Medicina dessa Instituição⁴ iniciou sua história em 11 de março de 1966. Em 2022, o curso contava com 90 professores/as ativos, desses, 71 são professores médicos. Quanto à titulação, 53 são doutores (58,8%), 23 mestres (25,5%) e 14 especialistas (15,5%).

A coleta da materialidade empírica⁵ ocorreu por meio de entrevistas com 10 professores que aceitaram o convite para participar (enviado por e-mail convite para todos os professores), assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo à Resolução N.º

⁴ Disponível em: www.cursosfurg.br. Acesso em: 20 mar. 2023.

⁵ Pesquisa autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa CEP/URI FW, em 20/12/2021 com CAAE 53093321.6.0000.5352 e pelo CEP/FURG, em 19/05/2022, com CAAE 58700122.0.3001.5324.

510 do Conselho Nacional de Saúde. A garantia do resguardo de informações dadas em confiança pelos entrevistados, e a proteção das identidades e informações reveladas, foi mantida com a utilização de codinomes (escolhidos de forma aleatória) para cada entrevistado e neste artigo serão mencionados de MP (médico professor) e o número correspondente: Albert E. (MP1), Anne Sullivan(MP2), Cecília Meireles (MP3), Friedrich Nietzsche (MP4), Issac Newton (MP5), Jean Piaget (MP6), Maria Montessori (MP7), Marie Curie (MP8), Paulo Freire (MP9) e Stephen Hawking (MP10).

Os interlocutores responderam a questões como: Na sua graduação, houve alguma disciplina(s)/momento(s) ou professor(a) que lhe inspirou ou marcou mais fortemente? Há quanto tempo e em qual contexto você desejou ser professor(a)? Quais as razões que o(a) levaram a optar pela docência? O que o(a) realiza como professor(a) e influencia na sua prática docente no dia a dia? Você acha que a prática docente influenciou na atuação em consultório? Como você descreveria sua atuação no curso de Medicina?

A análise dos dados, cuja materialidade empírica constituiu-se a partir das entrevistas, foi realizada por meio da Análise Textual Discursiva (ATD). Ela baseia-se em uma sequência de três procedimentos: desconstrução de textos, unitarização (relações entre elementos unitários) e categorização, por meio da qual se capta o novo emergente e a nova compreensão é validada e comunicada (Moraes, 2003).

Após as entrevistas e análise dos resultados, delineamos quatro categorias de análise: Escolhas, Significados, Saberes e Desafios. Neste artigo, abordaremos as categorias Escolhas e Significados⁶, que foram assim organizadas:

QUADRO 01 - Organização das Categorias de Análise.

UNITARIZAÇÃO	CATEGORIAS INTERMEDIÁRIAS	CATEGORIA FINAL
Inspiração em um/a certo/a professor/a	Olhar para o outro, inspiração	Escolhas
Inspiração em familiares professores/as		
Inspirações vindas da graduação		
A possibilidade de pesquisa e atualização	Olhar para si, potencialidades	
Gostar de estudar e ensinar		
Vivência com os estudantes		
Satisfação em ser homenageado		
Satisfação na relação professor-aluno	Docência como intermédio de ser melhor profissional	
Docência como estímulo para estudar		
Docência como modificador do trabalho médico		
Percepção do seu papel como docente	Reflexão sobre o ser docente	

⁶ As categorias Saberes e Desafios estão descritas em Madalazzo e Bernardi (2024).

Satisfação em ver os alunos “bem” formados	Reconhecimento pelo trabalho desenvolvido	Significados
Satisfação em ser homenageado		
Satisfação na relação professor-aluno		

Fonte: Elaborado pelos Autores (2022).

FALANDO DE ESCOLHAS: INSPIRAÇÕES, DESEJOS E VIVÊNCIAS

O verbo escolher tem sua origem etimológica na palavra latina *excolligere*⁷, uma referência sobre selecionar algo ou alguém para um determinado propósito ou para atingir um determinado objetivo. Segundo Tardif (2013), as experiências escolares e familiares influenciam nas escolhas do ser professor, pois nos inspiramos, motivamos e construímos saberes a partir da família, do ambiente de vida, da educação no sentido *lato* etc. Aprendemos com essas vivências e com a própria experiência de carreira, uma construção temporal do saber profissional, cunhada na construção da carreira docente.

"A escolha está sempre presente, objetiva e subjetivamente, e faz parte das ações humanas e por mais que tenham limitações impostas pelo contexto, as escolhas de uma profissão e de uma carreira faz parte das ações humanas" (Soares *et al.*, 2007, p. 750). O que inspira as escolhas? Nos nossos atos de vida, somos influenciados pela nossa história de vida, pelas pessoas que nos cercam, sejam amigos ou familiares e pelas nossas características pessoais.

Assim, a categoria “Escolhas” emerge de duas formas distintas com as quais o médico professor olha para sua opção pela carreira docente: a partir do outro e a partir de si!

Iniciamos a reflexão por **olhar para o outro, pensar sobre a inspiração:**

Algumas trajetórias se iniciam no berço e sabemos a importância da família e pessoas próximas no nosso caminho, seja inspirando a seguir a mesma profissão ou “repelindo” aquela escolha por verem de perto as dificuldades e desvantagens. Podemos observar isso através das manifestações:

Eu acho que a vida inteira até porque o meu pai era professor. Apesar de que era professor de literatura, mas de alguma forma acredito que me influenciou [...] eu acho que alguma coisa eu herdei...esse entusiasmo de explicar as coisas direitinho para o outro entender... (MP1).

Hã, eu acho que tem uma questão familiar também. Minha mãe era professora, meu pai é professor, foi professor [...] hã, tem uma questão familiar aí da docência, que eu acho que acabei carregando... foi um despertar mais tardio (MP10).

⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escolher/#:~:text=ETIMOLOGIA%20lat%20excollig%C4%95re%2C%20como%20esp%20escoger.>

[...] mas, era uma coisa que eu sempre achei que eu saberia fazer (risos)... que eu gostaria de fazer... até porque minha mãe é professora também e a gente mesmo no hospital universitário sempre tem contato com os alunos (MP3).

Podemos observar nos relatos que o fato de terem pessoas próximas como professores ajuda a inspirar e a pensar nesse caminho. Entretanto, foram citados pais professores e não pais médicos professores. A influência surgiu, mas, não a ponto da carreira primária ser a de licenciatura. Pimenta e Anastasiou (2014) fazem uma brilhante constatação de que os profissionais como físicos, advogados ou médicos, geralmente, identificam-se como professores universitários nas placas, cartões e receituários médicos, pela valorização do título social de professor, o que não ocorre com apenas o título de professor por sugerir uma identidade menor pois, socialmente, parece se referir aos professores secundários e primários.

Professores admirados, pessoal e profissionalmente, também exercem papel fundamental de inspiração:

O nosso professor, ele tinha doutorado na Inglaterra. E encantou, assim... uma pessoa diferenciada. Então, eu sempre julguei que na formação médica, independente da academia, o grau de formação e a quantidade de formação são muito importantes. (MP9).

[...] um professor que era o chefe do serviço que era um chefe exemplar. A gente tinha round às 7 horas da manhã e ele, chegava às 6h45, apesar da época já estar com 70 anos... ele explicava cada coisa e era extremamente sério na frente do paciente, era extremamente ético (MP1).

Hã, um professor foi o [...]. A condição na qual ele dava aula, as características dele enquanto professor e enquanto médico também, as características da assistência, né, porque na nossa licenciatura, na forma como a gente dá aula sempre envolve assistência junto... pacientes, muita aula prática (MP5).

Esses professores, os quais nossos interlocutores se identificam e admiram, ajudam no início da carreira de médicos professores a seguirem um modelo e uma postura, já que não tiveram uma formação para serem professores, e sim médicos. Reuler, Nardoni (1994) e Patel *et al.* (2023) falam da importância do “role-modeling” na educação médica, pois o comportamento e atitudes dos professores influenciam os alunos em todos os níveis, devendo-se os educadores terem consciência disso. A fala do professor MP10 é congruente com isso:

Todo o espelhamento que a gente usa num primeiro momento é baseado naquilo que tu tiveste como aluno. Depois, ao longo do trabalho, que a gente vai descobrindo, há formas diferentes de fazer as coisas, inclusive, criticando coisas que a gente tinha quando aluno e que acabou repetindo por não conhecer outra coisa, outra forma, né. Então, acho que a gente carrega praticamente tudo que a gente aprende como aluno.

Os interlocutores relataram sobre atividades durante a docência que contribuíram para o desejo de ser professor: “Então, coisas da graduação que me ajudaram na docência... o fato de eu ter sido bolsista do CNPQ. Eu ajudei na Farmacologia e isso me ajudou a gostar de fazer pesquisa, por exemplo, gostar de pesquisa” (MP10).

O professor MP6 também mencionou a iniciação científica como importante “As pessoas que inspiraram, as disciplinas boas e a iniciação científica foram os pilares assim [...]”.

Pelo fato de não terem uma preparação para serem professores, a graduação também ajuda na criação de modelos a seguir (ou a não seguir), conforme indicam os interlocutores:

Eu acho que até pela formação que a gente tem, a gente não tem muita coisa de Pedagogia, né? Então, a gente acaba se espelhando naqueles professores que nós gostamos quando a gente era aluno. A graduação que eu tive influenciou no meu tipo de docência. A gente tenta fazer aquilo que [...] espelhar os bons exemplos e evitar os maus exemplos... (MP3).

Quando a gente vira professor, a gente tenta passar da mesma maneira como a gente tinha recebido. A gente acaba repetindo o sistema de ensino do ensino médio, ou seja, o professor dá aula, o aluno estuda, passa na prova e deu. E a gente sabe que isso é uma coisa não muito correta. Estudante de universidade deveria receber outro tipo de estímulo (MP1).

Podemos observar como é difícil seguir modelos diferentes dos que aprendemos e vivenciamos, por mais que percebamos não ser essa a melhor maneira a seguir.

Em um segundo movimento, voltamos **o olhar para si e identificação das potencialidades:**

É corriqueira a ideia que para ser médico tem que gostar de estudar, pois existe a necessidade constante durante a nossa carreira de atualização, diante de casos desafiadores. Nas entrevistas, pudemos observar como a docência ajuda e “força” os professores a estarem sempre aprendendo; o gosto pelo estudo parece ser nato dessas pessoas ou construído durante a graduação e/ou residência médica. O entrevistado MP5 comenta:

Quando eu estava na graduação, eu já gostava de ser monitor, de dar aula, me sentia bem. Durante a residência, a gente pratica bastante isso, acabando produzindo vários materiais pra dar aula pros próprios residentes ou até em outros locais.

A professora MP8 também ressalta a importância das apresentações durante a residência médica:

Quando eu estava fazendo a residência, porque a gente tinha uma carga importante de apresentação de seminários, tinha sempre aquela função do R2 passar a orientar o R1, o R1 orientava o doutorando. E isso me mostrou que eu gostava de estudar, que eu gostava de apresentar trabalhos, de apresentar seminários... que eu não queria ficar só como clínica.

O professor MP9 também destacou a residência médica, mas relatou afinidade prévia com o ensinar:

Eu sempre gostei de transmitir a informação. Sempre me encantou ser um médico conhecedor da profissão, no limite permitido dela, no máximo, a gente nunca consegue dominar tudo e sempre gostei de transmitir a informação. Sempre gostei de partilhar o que eu sabia com os colegas para que a gente tivesse um caminho melhor na solução dos casos e para os pacientes.

Podemos perceber como alguns professores acabaram se descobrindo bons na função de lecionar na residência, pelo fato de ter sido proporcionada essa experiência de ensinar outra pessoa e apresentar aulas e casos clínicos. Com o avanço das metodologias ativas, por meio das quais o aluno é mais protagonista em sala de aula, talvez outros profissionais descubram ainda na graduação a afinidade com a docência.

Além de gostar de ensinar e estudar, observamos nas entrevistas a ligação da docência com o interesse em fazer pesquisas. Não parece coincidência todos entrevistados terem formação, ao menos, em âmbito de Mestrado e os relatos mostram a iniciação científica como relevante para despertar à docência. No ambiente de Ensino Superior, fazer pesquisa e estudar pesquisas, fica muito mais próximo do que a realidade de quem apenas trabalha em consultório privado e os relatos dos professores vão ao encontro disso. A professora MP8 também comentou sobre o seu gostar de estudar e ensinar como fatores determinantes para a docência.

Para alguns professores, a vida acadêmica contribui para eles manterem-se atualizados e funcionou como motivação à docência. A professora MP2 reforça: “Eu acho que foi porque uma das coisas mais importantes é tu te manter sempre junto da vida acadêmica pra não parar no tempo”.

O contato com os alunos também foi fator motivacional citado pelos professores. Tanto para estimulá-los a estudar, quanto a conviverem com pessoas jovens. MP3 comenta:

Eu acho que uma das coisas é que eu gosto desse contato com o aluno, esse contato com pessoas mais jovens te renova assim... e te ajuda a se manter atualizado, estudando. Então, eu sempre gostei disso e é um desafio constante, assim. É o que gosto da docência.

Pimenta e Anastasiou (2014) destacam a contribuição dos alunos no processo de desenvolvimento profissional docente, pois os instrumentos de avaliação institucional permitem que os alunos sejam ouvidos pelos professores. A professora MP2 também comentou a respeito dessa questão: “o fato de tu estar na vida acadêmica, convivendo com gente mais nova, ávida por novos conhecimentos, vão te estimulando e não te permitem parar, né” assim como o professor MP6:

[...] tem a questão da própria relação com os acadêmicos [...]. Eu acho que cativa muito isso de ensinar, cativar, compartilhar saber, trazer coisas novas, experiências nossas. Isso são coisas que acabam te motivando. Então eu diria isso, a proximidade com os alunos, o interesse, eu acho isso cativante no processo de ensino-aprendizagem e isso te obriga a ficar mais atualizado.

A frase que resume essa motivação é do professor MP5:

Acho que, na verdade, é um complemento, né... para mim a docência é um complemento e ao mesmo tempo ela me completa, né. É um complemento porque me mantém sempre atualizado, estudando, né. E ela me completa no sentido que, hã, apesar de a cada ano que passar eu estar mais velho e os alunos terem sempre a mesma idade, né, essa é a grande diferença (risos)... isso vai me mantendo jovem.

Todo o contexto exposto impacta na construção do processo identitário dos médicos professores: o olhar para si e o olhar para os outros. Dubar (2005) apresenta dois processos que concorrem para a produção da identidade social do indivíduo: o “processo biográfico” (identidade para si) e o “processo relacional, sistêmico, comunicativo” (identidade para o outro). Ou seja, o indivíduo define a sua identidade a partir de como se reconhece e de como ele é/quer ser reconhecido pelo grupo social, um processo relacional.

Então, para pensarmos o processo identitário docente e os elementos mobilizadores da carreira docente na Educação Superior, defendemos que tal movimento considera a identidade pessoal do médico professor e o que ele reconhece ser a identidade da profissão, ou seja, as suas potencialidades e as inspirações.

Enquanto a identidade para si é fortalecida no curso de formação inicial, a identidade para os outros está relacionada à representação social da profissão, tanto no sentido de influenciar como ser influenciado: “[...] o processo relacional concerne ao reconhecimento, em um momento dado e no interior de um espaço determinado de legitimação, das identidades associadas aos saberes, competências e imagens de si propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação” (Dubar, 2005, p. 156).

OS SIGNIFICADOS DA PROFISSÃO DOCENTE

A categoria Significado traz em seu bojo referências ao afeto, empenho, amor, responsabilidade... fala de importância, satisfação, sentido e estímulo. É da ordem da “subjetividade”, mas que podemos pontuá-la com as formas de ser, pensar, sentir e agir face ao fenômeno da docência, ou seja, diante da realidade com a qual se relaciona.

A construção da identidade com base em uma profissão inicia-se no processo de efetivar a formação na área; assim, os anos passados na universidade funcionam como preparação e iniciação ao processo identitário e de profissionalização dos profissionais de variadas áreas (Pimenta; Anastasiou, 2014). Com os professores médicos essa identidade acaba se estabelecendo concomitante ao início da docência.

Segundo Nóvoa (1992), há três processos prioritários na construção da identidade docente: o desenvolvimento pessoal, o desenvolvimento profissional e o desenvolvimento institucional. Ele ainda acrescenta que os processos de profissionalização continuada bem-sucedidos podem ser acrescentados nesses pilares.

Abordamos anteriormente que o perfil dos professores é de pessoas que gostam de estudar e de que a docência contribui para estarem sempre lendo e se atualizando. Quando perguntado a eles qual a frequência que estudam, seis deles responderam que diariamente (MP10, MP8, MP1, MP2, MP6, MP9) e os outros, pelo menos, semanalmente. Com relação à participação em congressos, todos responderam que, anualmente, comparecem a pelo menos um na respectiva área, exceto nos anos da pandemia da COVID-19 em que não houve eventos presenciais. A professora MP2 destacou, inclusive, a presença em congressos na área de Educação Médica:

Eu fui a muitos congressos de Educação Médica. E eu ia no mínimo a um por ano, eu vivia para professora de Educação Médica. A gente trouxe congresso para cá de Educação Médica. Em 2015, eu estava na direção da faculdade. A gente foi um dia e meio lá para o Cassino, num hotel, fizemos uma imersão da FAMED para discutir sobre Educação Médica e sobre modelos de aula. Eu estava na direção e eu propus fazer isso, porque eu estava muito envolvida... e quando tu está envolvido na Educação Médica, tu acabas fazendo várias coisas fora da Medicina em si e mais voltadas pra área de educação em medicina.

Na Medicina, para ser um bom profissional, é necessária essa dedicação intensa de estudos quase diários e congressos de atualização, pois é uma área em que os protocolos podem mudar com o tempo, novas descobertas de tratamentos diferentes, novos estudos sobre determinada patologia; e, ainda mais quando se está ligado à docência e precisa passar aos

alunos informações atualizadas. Consideramos essa dedicação como investimentos formativos, mesmo que não diretamente na área pedagógica.

Quando perguntados se a docência teria modificado o trabalho dos entrevistados como médicos, tivemos respostas bem interessantes, de que a docência teria melhorado os trabalhos dos profissionais que também atuam em consultório, pois houve aperfeiçoamento na explicação da patologia e do tratamento ao paciente. O professor MP5 destaca como a prática clínica auxilia na docência e a docência auxilia na prática clínica:

Muito... muito, acho que as duas coisas, né, é um vai e vem, né. Claro, minha prática na assistência também ajuda a me dar segurança na docência. Mas, a docência me tornou muito mais didático, muito mais paciente, inclusive com os pacientes. A gente acaba, de alguma forma, sendo professor do nosso paciente... E eu vejo que os pacientes acabam reconhecendo isso.

Destacamos dois relatos:

Eu utilizo o aluno para me atualizar e pra me comportar bem (risos). Então, eu uso o aluno para me vigiar também. Então, essa é a parte que eu agradeço... porque a gente aprende com o aluno também, porque estar com o aluno me fez um profissional melhor... Eu se não tivesse entrado no meio acadêmico, talvez tivesse me tornado um cara materialista, me preocupando com cirurgia só pra ganhar dinheiro, mas estando com o aluno, isso me deixa feliz, porque eu consigo dormir porque eu fiz tudo direitinho, eu me preocupei com a doença do paciente, eu indiquei o que é melhor pra ele e não o que é melhor pra mim... isso é uma coisa que me faz feliz, e isso é porque eu estou junto com o aluno (MP1).

É eu acho que sim, porque quando a gente está no ambulatório ou até mesmo no consultório o fato de ser professor pesa um pouco. Às vezes, a gente se obriga a ter uma postura melhor, a ter mais paciência, eu acho que o cuidado é redobrado e quando eu digo isso não é porque 'ah, o que vão pensar de mim?' Não, é porque eu penso que se eu ensino pessoas que querem ser médicas, eu tenho que dar o exemplo (MP8).

Destacamos essas duas falas, pois além da docência contribuir na prática clínica, os dois professores a equipararam como um “controlador” de postura médica e ética. Neste sentido, na construção do processo identitário do professor há uma mistura dinâmica que caracteriza como cada um se sente e se diz professor. Segundo Pimenta e Anastasiou (2014), três elementos são evidenciados: adesão, ação e autoconsciência. A adesão implicaria seguir princípios, valores, adotar um projeto e investir na potencialidade dos jovens. A ação, porque a escolha das maneiras de agir, deriva do foro pessoal e profissional e autoconsciência pelo processo de reflexão do professor sobre sua ação. Defendemos que esses elementos permeiam essa “boa conduta” dos médicos professores.

Quando perguntados sobre suas percepções em relação ao papel docente dos entrevistados, eles relataram estarem satisfeitos com as atuações, sentirem-se envolvidos e gostarem muito do que fazem. A professora MP7 comenta:

Ah, eu acho que eu sou apaixonada pelo que eu faço (risos). E tento fazer o melhor, tento fazer a diferença. Tô sempre tentando buscar a melhor forma de exercer a docência e eu acho que é isso... eu sou bem feliz no que eu faço.

A professora MP2 destacou seu envolvimento com o curso:

Me envolvi em todos os aspectos, eu comecei como professora, eu fui coordenadora de curso, eu fui diretora da faculdade, eu participei de todas as discussões de duas reformas curriculares, eu participei do projeto Mais Médicos, de aumentar o número de vagas. Eu participei do projeto de construção da nova área acadêmica que vai ficar pronta no final desse ano. Na verdade, durante todo o tempo em que eu estive dentro da universidade, foram 33 anos, foi meu dia a dia, minha vida.

O professor MP10 mostra-se, inclusive, preocupado com o futuro do curso e com a atualização do currículo:

Eu acho que sou uma pedra no sapato, assim, eu me considero uma pessoa que está sempre inquieta, que tá tentando melhorar a questão curricular, tentando fazer com que a área que atuo tenha maior protagonismo dentro do currículo. Ultimamente, eu faço parte do centro estruturante do curso, há quase 10 anos. Então, eu tento fazer isso, fazer com que o currículo não fique atrasado e que consiga ir adiante.

Esses dois últimos relatos se entrelaçam com as ideias de Pimenta e Anastasiou (2014), pois as autoras ressaltam que se espera o envolvimento dos professores na administração e gestão de departamentos, na universidade, tomando decisões sobre seus currículos, políticas de pesquisa, de financiamento, não apenas em seu local, mas em sistemas públicos, de políticas de pesquisa, de ensino entre outros.

Outro ponto importante destacado, no significado da profissão docente, foi o reconhecimento desse trabalho por parte dos alunos, seja com a emoção de ser professor homenageado seja com a alegria de ver seus alunos “bem formados” ou com a satisfação diária da relação aluno-professor. O que realiza os professores entrevistados? A professora MP7 comenta:

[...] eu fico extremamente feliz quando eu vejo meus alunos indo adiante. Quando, às vezes, o pessoal se forma e liga para gente de uma UPA ou de um posto pra passar um caso e o caso é super bem passado. Isso me dá um imenso prazer, né. E fico muito, muito feliz quando eu vejo alunos seguindo a docência. Então eu acho que diversifica,

também, estimulando a estudar e a se manter atualizado, o convívio com pessoas mais jovens te estimula.

O professor MP5 tem ideias semelhantes:

Bah, o que mais me realiza como professor, na verdade, não é enquanto eu estou dando aula, é quando eu vejo que eles se formam. O que mais me realiza como professor é ver um aluno com sucesso, formado... o que mais me realiza é ver um aluno seis meses depois, um ano depois de formado, mandar uma mensagem agradecendo, porque lembrou de uma aula, lembrou de uma dica, de uma brincadeira que a gente fez na aula.

A professora MP8 também tem essas satisfações posteriores, mas ressalta seu gosto pela relação professor-aluno.

Hum, eu acho que isso, assim, hã, quando o aluno que fica no final da aula perguntando, conversando, o aluno que discute lá no ambulatório, que vai atrás, né, os alunos que se formam e que daí procuram a gente... ou pelo ex-aluno que chega assim:” vi tal paciente, lembrei da tua aula, lembrei do que tu falavas”. Ou, às vezes, quando procuram pra tirar alguma dúvida, isso aí é uma coisa sem preço, que pra mim torna diferente da rotina só de consultório e tudo mais. E poder saber que contribuiu um pouquinho. Isso não tem preço.

Consideramos que a satisfação na relação professor-aluno entre no campo dos saberes da humanização que dizem respeito a todos os saberes implicados e necessários nessa relação. Essa atitude diante da vida corresponde à ordem do ser, do saber, do fazer e do conviver da pessoa em um todo integrado. Os processos de humanização demonstrados ao colocar-se à disposição do outro, na postura atenciosa, no manifestar empenho e interesse pelo bem comum (Fossati *et al.*, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto, apontamos elementos das trajetórias dos médicos professores a partir da graduação, os quais sinalizaram a importância de professores ou familiares, que os inspiraram na escolha para o caminho da docência. Vimos que ministrar aulas na residência médica ou na própria graduação pode despertar os alunos para o desejo de ensinar, o mesmo ocorre com o envolvimento em projetos de iniciação científica e pesquisa. Destacamos que tal resultado permite refletir sobre a responsabilidade do “ser” docente como inspiração e exemplo para os estudantes, bem como da importância dos processos educativos propostos na universidade formadora, ao possibilitar a pesquisa durante a graduação.

Ao discutirmos acerca do significado da profissão docente para profissionais com formação em Medicina que ingressaram como docentes na Educação Superior, observamos que eles sentem satisfação em ver os alunos se formando com qualidade, na própria relação professor-aluno, e quando são homenageados (reconhecimento do trabalho realizado). Todos entrevistados se enxergam como bons professores, envolvidos com o sistema educacional, para os quais a docência é um estímulo para estudar; estar atualizado foi mencionado como um dos benefícios da docência. A alteração do trabalho como médico também foi outro ponto positivo da docência, percebido até pelo paciente como melhora na explicação da patologia.

A tecitura entre trajetórias, motivações e significados da profissão docente indica que nossos interlocutores gostam muito de serem médicos professores, talvez, para alguns, mais do que serem médicos. Esperávamos ouvir motivações como o destaque social de ser médico professor, pois sabemos que ele existe, mas pareceu-nos que as motivações fogem dessa razão. São professores porque gostam, porque não conseguem imaginar sua carreira de médico sem essa complementação, sem esse envolvimento com o meio acadêmico e não o fazem certamente por questão financeira, pois sabemos que o salário de um professor de universidade federal não compensa (financeiramente) o tempo que o médico não está no consultório. Finalizamos esse trabalho manifestando nossa profunda admiração por esses professores que, além de bons profissionais, na sala de aula e bons médicos, muitos deles tornam-se inspiração para estudantes.

Ainda, inferimos que a temática sobre os professores dos cursos de Medicina tem diferentes aspectos que precisam ser estudados, conhecidos. Ressaltamos a importância de “escutar” os professores, conhecer suas inquietações, refletir sobre o “ser” professor. Os processos constituintes dessa profissão são de relevância mundial e refletem na qualidade dos médicos formados e atuantes do futuro. Que este trabalho seja inspiração para outros e que possamos ver as universidades investindo mais na formação pedagógica, principalmente no início da atuação como docente, período de maior dificuldade do médico professor.

REFERÊNCIAS

DUBAR, Claude **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOSSATI, Paulo; SARMENTO, Dirléia; GUTHS, Henrique. Saberes docentes e a docência na Sociedade contemporânea: olhares discentes. **Comunicações**, Piracicaba, v. 19, n. 1, p. 71-85, jan.-jun, 2012.

FOSTER, Kirsty; LAURENT, Rodger. How we make good doctors into good teachers: a short course to support busy clinicians to improve their teaching skills. **Medical Teacher**, v. 35, n. 1, p. 4–7, 2012. DOI: <https://doi.org/10.3109/0142159x.2012.731098>

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. Editora Atlas. 2002.

PATEL, Raina; MIRZA, Jaqueline; VAN DE RIDDER, Monica; RAJPUT, Vijay. Role modeling in medical education: a twenty-first century learner's perspective. **Medical Science Educator**. v. 33, n. 6, p.1557-1563, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40670-023-01930-9>

MADALOZZO, Daniele Freitas Bica. **Médico professor e profissionalidade: buscando marcas constituintes nas trajetórias**. 2023. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/FW, Frederico Westphalen, RS, 2022.

MADALOZZO, Daniele Freitas Bica; BERNARDI, Luci T. M. dos Santos. Médicos que formam médicos: os saberes mobilizados e os desafios da prática no cotidiano da docência. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 25, n. 58, p. 358–388, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5965/1984723825582024358>

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p.1106-1133, 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no Ensino Superior**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

REULER James B.; NARDONE David A. Role modeling in medical education. **The Western Journal of Medicine**, São Francisco, v. 160, n. 4, p. 335-337, 1994.

SOARES, Dulce H. P., KRAWULSKI, Edite, DIAS, Maria S. L.; D'AVILA, Geruza T. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia, Ciência e Profissão**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 746-759, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.